

Port 6238.21

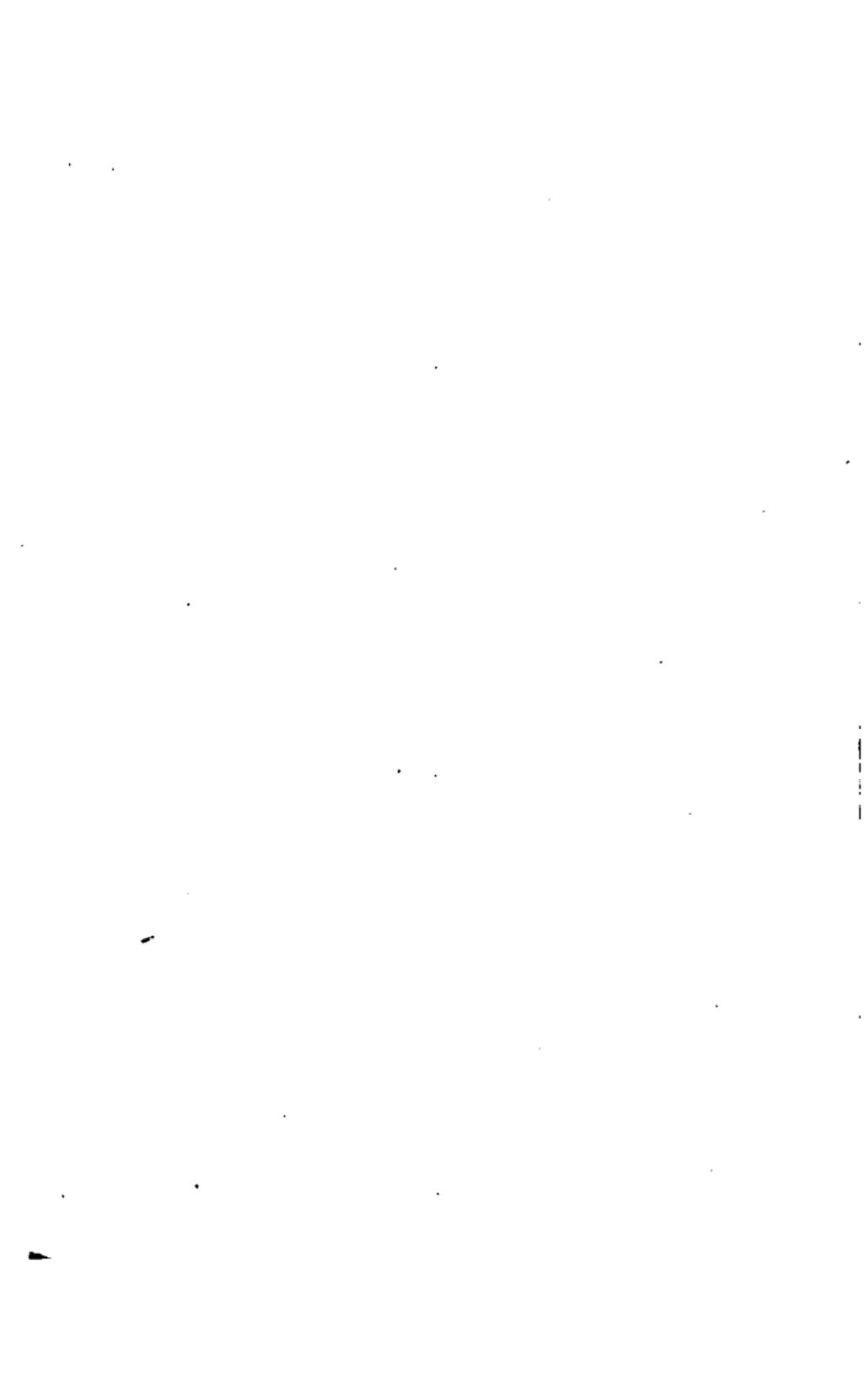
520-965



Harvard  
College  
Library







MANOEL DA SILVA GAYO

---

POESIAS

---

*CANÇÕES DO MONDEGO*  
*RIMAS ESCOLHIDAS*



COIMBRA  
LIVRARIA UNIVERSAL  
FRANCISCO FRANÇA AMADO, EDITOR  
R. Ferreira Borges

---

M DCCC XCII

Printed in U.S.A.

1-8-92  
Liliana

Liliana Lopez

de

grata

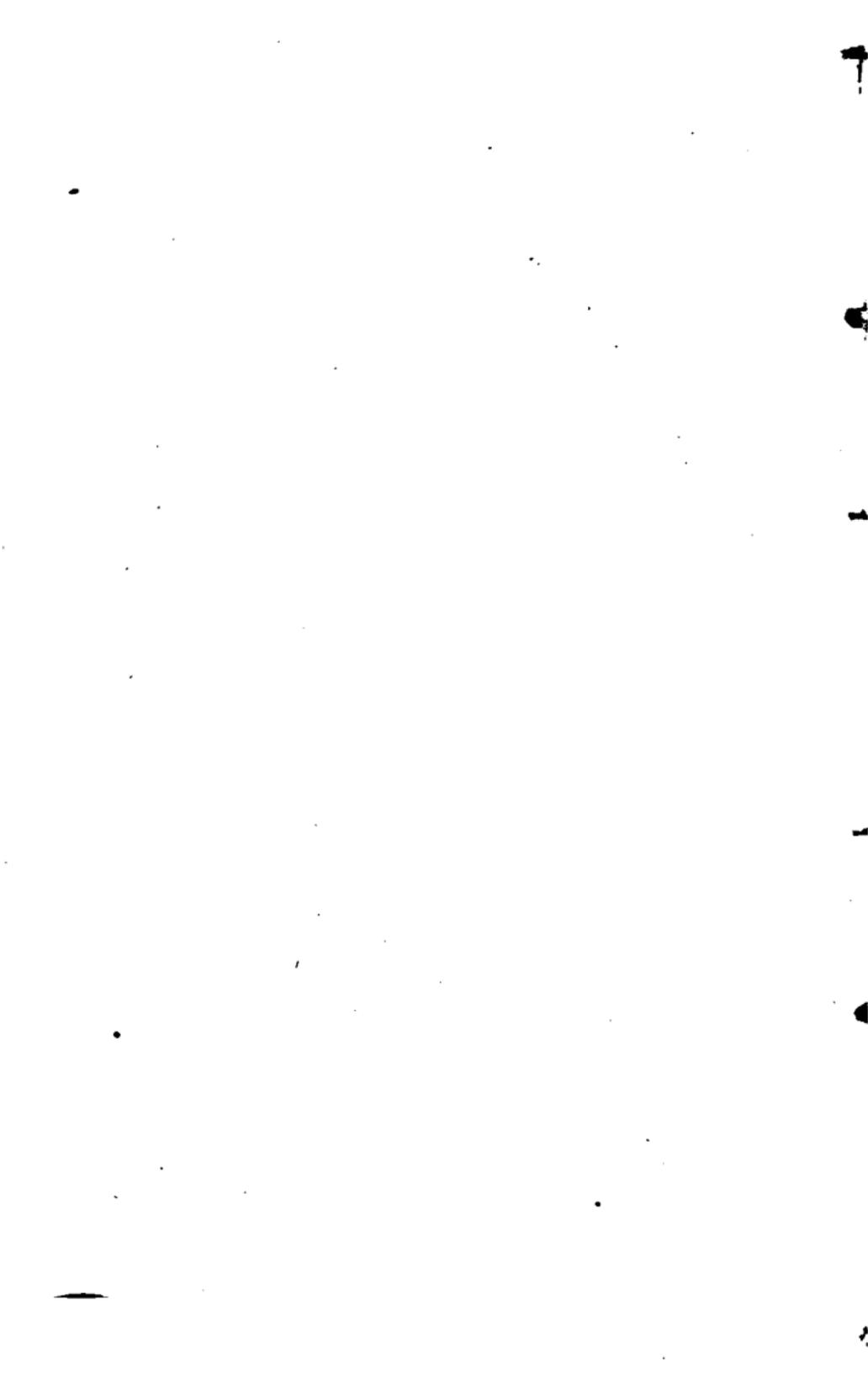
POESIAS  
requisitoras

homenajes

espíritu crítico

ao ilustre poeta e grande

ao Sr. Wilhelm Heide,





## PREFACIO

---

Este volume comprehende — como se vê dos titulos — a collecção inedita das «Canções do Mondego» e — das minhas «Primeiras Rimas» —, apenas aquelles versos, que absolutamente não rejeito.

Ao deixar, para sempre e definitivamente, a poesia, faço n'este livro pallido o meu testamento lyrico — humilde testamento de pobre!

Não valia de certo a pena (dirão com justiça os poucos que me lerem) enfeixar n'um volume todas estas composições.

E, no entanto, sem desconhecer essa verdade trez causas me levam a publical-as.

Em primeiro lugar fallam-me, — umas e outras — de melhor epocha da vida ; e o refugio no passado é muitas vezes, mesmo para os novos, a mais grata das consolações.

Depois, penso: todo aquelle que escreve deverá olhar sempre com enternecido interesse as suas primeiras paginas, por banaes, inconfessaveis que pareçam. Foram ellas que nos deram as virginaes emoções do trabalho realizado; nada, de futuro, nos commoverá como o que se fez n'esse matinal e hesitante crepusculo da vida e da arte. São os primeiros marcos no caminho — macio ou pedregoso — que tenhamos a seguir; e ninguem deve, por isso, perdê-las de vista — para saber quanto caminhou... ; se caminhou.

Emfim, desejando, de hoje em diante, dedicar-me, sobretudo, a trabalhos criticos, —ser-me-ha de vantajem, relativa, mostrar que conheço um pouco a technica do verso.

Sobre as composições da segunda parte nada direi, viato já terem sido publicadas, em 1887.

As «Canções do Mondego», escriptas ha muito, algumas em Coimbra ainda, outras ao deixar ou passada apenas a vida academica—deveriam ter sido publicadas então. Hoje, são de certo folhas murchas e fructos engelhados.

Tentei, n'estas lyricas, dar, de leve ao menos, no que têm, realmente, de caracteristico e suggestivo, as

impressões e aspectos da vida Coimbrá, por onde todos atravessámos como uns ephemeros — cantando já canções de sabor saudoso, quando ainda bebíamos, a faltar, o môtto vermelho e embebedante da mocidade. E quiz tambem dar, fugitiva que fosse — a emoção d'esta paizagem unica — firme de contornos, inconstante e passageira de tons — onde em tudo a vida apenas sorri, quando não chora: na graça feminina, dolorida dos choupos delgados, na doçura resignada dos olivedos, nos verde-brancos soluços dos salgueiros... Quiz embeber-me da alma esparsa e triste em que toda esta natureza magoada se espiritualisa e funde — a alma eterna e fugidia que se ergue do meu Mondego divino... d'este meu sagrado Nilo do Sonho...

Mas sei bem que não consegui fazer o «livro de Coimbra», como o comprehendendo e presinto.

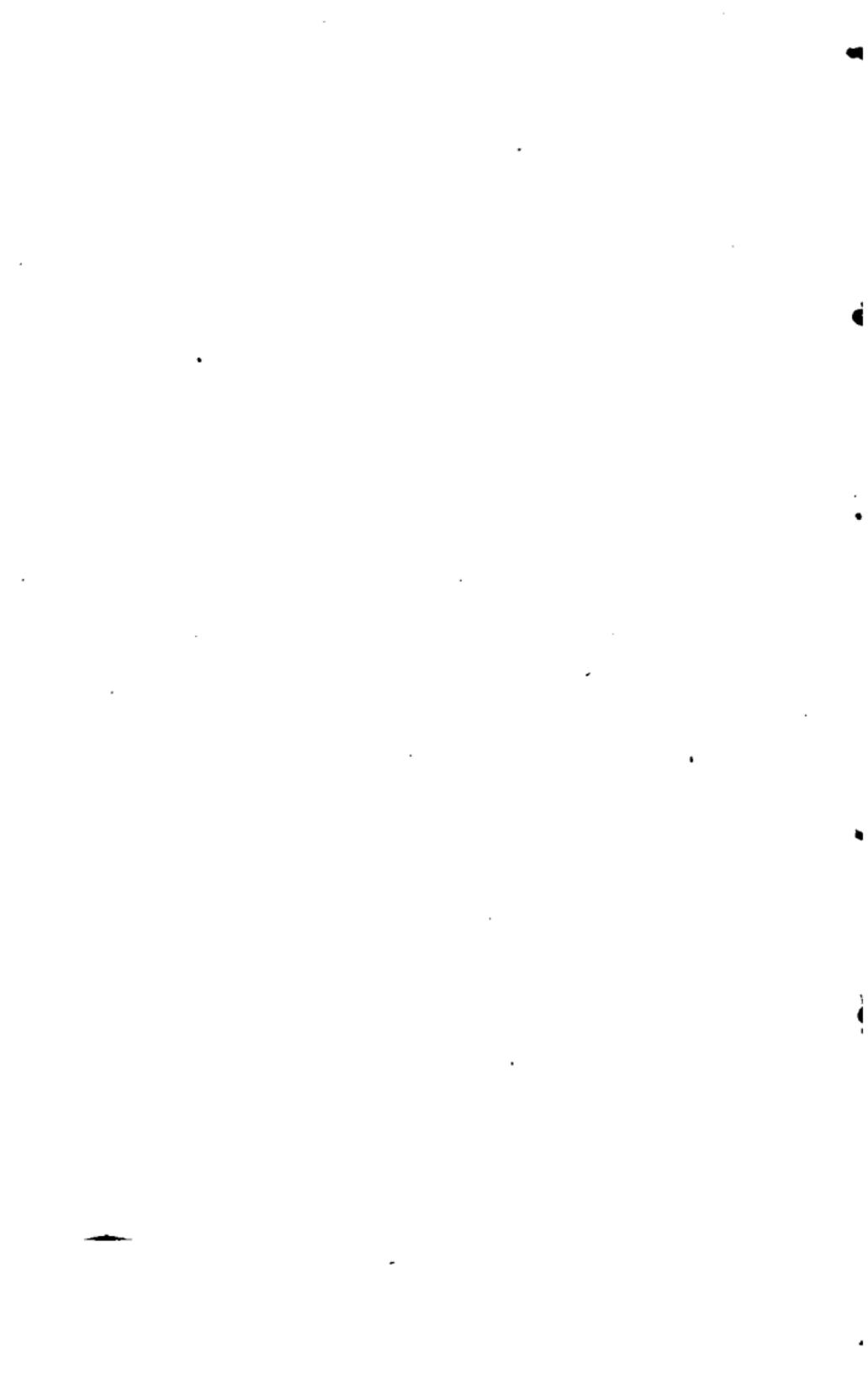
Poderão, comtudo, estas «Canções» ter, talvez, o merito de acordar n'outro, mais feliz do que eu, o desejo de escrever essa bella obra. E ficar-lhe-hei grato, ao bom desconhecido, por dar-me uma sensação de natural e doce poesia, quando a existencia já me sabe tanto a amargo.

Coimbra, maio de 1892.

*Manoel da Silva Gayo.*



## CANÇÕES DO MONDEGO





## As minhas canções

Amigos, estas Canções  
são simples como os descantes  
que á tarde vibram, distantes,  
levados nas virações.

São como o canto que entôa  
o lavrador pela estrada,  
e de quebrada em quebrada  
plangentemente resôa ;

pois solto-as também ao vento  
ao pisar a estrada breve  
onde a Illusão nos deteve  
a marcha por um momento ;

ao ver já sumir-se ao largo  
a terra da mocidade,  
quando o pranto — orvalho amargo —  
faz vicejar a Saudade.

Ao lê-las talvez, um dia,  
dias vos lembrem risonhos,  
em que bordaveis de sonhos  
a teia da phantasia,

n'essa «terra promettida»,  
onde a nossa bocca em flôr  
bebe na taça da vida  
o doce nectar do amor.

Talvez ao lê-las oiçaes  
— como n'um echo vibrar —  
á hora crepuscular  
vossas canções matinaes.

Talvez que então do porvir  
no deserto desnudado  
ainda vos venha sorrir  
a miragem do passado...

Amigos, estas Canções  
são simples, banaes descantes  
como os que passam vibrantes,  
á tarde, nas virações.

São como estranha cadencia  
que recordasse, através  
da saudade, a limpidez  
da voz d'oiro — adolescencia,

na singeleza lembrando  
tambem rimadas cantigas,  
que ao longe fosse entoando  
um côro de raparigas.

E se as vou soltando ao vento  
ao pisar a estrada breve,  
em que a Illusão nos deteve  
a marcha por um momento,

— é que dá prazer ignoto  
repetir na vida inteira  
a mesma canção ligeira  
do tempo alegre e remoto,

a doce canção de outr'ora,  
que todos juntos cantámos  
cada dia e cada hora,  
nos vergeis que atravessámos.

Amigos, estas «Canções»  
são simples como os descantes,  
que á tarde morrem, distantes,  
nas serenas virações...

1887

## Coimbra . . .

A terra que vos pinto, meus amigos,  
é terra de cantares,  
cidade medieval — bairros antigos —  
sobre um rio e pomares ;

— terra de alegres moças e estudantes,  
terra de solta vida,  
onde o Amor é canção que dura instantes  
e que é, breve, esquecida.

Velhos templos, d'ameias coroados,  
d'arcada bizantina,  
destacam nos socaicos dos telhados,  
que sobem a collina.

Bordam as ruas, ingremes, fachadas  
d'architectura densa,  
onde abrem medalhões, finas arcadas  
da pura Renascença.

N'uma antiga janella, que recorda  
côrtes e cavalleiros,  
uma costureirita magra borda,  
agora, entre uns craveiros.

Em dias estivaes sôam cantigas  
nas velhas ruas, quando  
se juntam, pela tarde, as raparigas  
às portas costurando.

N'essa hora o velho burgo, da collina,  
toma um aspecto estranho  
de scenario phantastico, e domina  
um rio côr d'estanho.

Azulam-se as montanhas do nascente...  
Nas faldas dos outeiros  
bocejam monacal, pesadamente,  
solares e mosteiros.

e, ao longo dos atalhos embrenhados  
entre verdes balseiras,  
trazem as moças cantaros ornados  
d'alegra-campo e aroeiras.

Toda a paizagem tem, n'essa piangente  
hora crepuscular,  
a apparencia d'um sonho inconsistente,  
que vae a desmaiar

ao fundo, na região macia e clara  
— choupos e salgueirões —  
por onde as águas correm á ceara  
farta dos milharaes.

As lavadeiras cantam; vibra e sôa  
o côro alegre e brando...  
Singram barcas da Serra, em fina prôa,  
a branca véla inchando...

larga véla, que um labaro parece  
em barco de romeiros,  
por entre a confraria — toda em prece —  
dos curvados salgueiros.

Anoitece ;  
                  arvoredos esboçados  
fundem mancha sombria,  
que o rio espelha ainda, aos retardados  
brilhos mortos do dia.

No burgo tudo toma estranho córte ;  
ameias, coruchéos  
lembram vivas gravuras d'agua-forte  
mordendo o azul dos céos.

\* \* \*

Às noites, sob o frio e mudo pranto  
dos espaços calados,  
vae o luar vestir d'um fino manto  
os porticos rendados.

É hora de guitarras e descantes:  
n'essas noites de lua  
vibram as serenatas d'estudantes  
em cada velha rua.

---

E as moças vêm ouvir, alvoroçadas,  
as doces guitarrilhas,  
... que n'esta terra o amor pelas veladas  
foi das mães e é das filhas !

Lá fóra, pelo valle, ás noites lentas,  
nos choupaes e olivedos  
passam visões da nevoa, friorentas,  
por entre os arvoredos.

São figuras antigas da Legenda  
que, n'essa hora divina,  
ephemeras debuxa a leve renda  
de luar e neblina,

e que assim vêm das cryptas e mosteiros  
— onde as detem a morte —  
n'um cortejo de donas e guerreiros,  
de lindo e nobre porte,

— ouvir o pranto doce, mysterioso,  
da murmura torrente,  
sobre que passa Iñez — espectro airoso —  
chorando eternamente...

1887.

## No rio

Desce o barco no veio da corrente,  
abandonada a vara; — já no rio  
mal vejo projectadas, vagamente,

as imagens, no esboço fugidio.

Ainda fremem na margem rumorosa  
os ninhos.

No crepusculo sombrio

esbate-se a paisagem leve, aquosa.  
O côro verde-branco dos salgueiros  
soluça uma canção mysteriosa,

inconsolavelmente. Nos mosteiros  
sôam trindades—prece agonisante,  
que os echos vão resar pelos outeiros.

E entre as vozes da beira susurrante  
— n'essa paz elegiaca, sonhada —  
o rio vae dizendo, soluçante:

• Ó cinceirae de rama desgrenhada,  
Sugae — sôfregamente sequiosos —  
em mim a farta seiva, renovada;

no meu leito chupae, troncos annosos,  
o vosso verde sangue. Eu scu a vida,  
— verde-negro pomar, choupos nodosos —

que em vossas folhas treme, renascida.  
Sou toda essa paisagem clara e pura,  
a recordar — na graça dolorida —

uma canção que prende e que amargura ;  
pois quando, feito nevoa, inconsistente,  
pairo em sonho suspenso, na planura,

sou como um deus d'amor que, docemente,  
vae fecundar a terra silenciosa —  
— a amante que deseja eternamente.

Esta minha corrente mysteriosa  
é todo um mundo d'almas que, rolando  
feita ondas, — a margem rumorosa

uma, apoz outra, veem retratando.  
N'este ser e não ser — que é fugidia  
dòr de eterno acabar — se passo, é dando

às boccas das raizes, noite e dia,  
no meu morrer a vida e a mocidade.  
Por isso este marulho é uma elegia,

e cada onda que foge uma saudade.  
E diz minha alma : « Ó rio murmurante,  
a adolescencia — a clara e leve idade —

ao teu fugir continuo é semelhante;  
pois é cada um de nós onda perdida  
d'uma eterna corrente; e um só instante

brilha em cada alma, apenas reflectida,  
a paisagem (que longes d'ouro e rosa !)  
dos ephemeros sonhos d'esta vida.

Por isso a nossa voz, ainda ferosa,  
chora o pranto que chora a natureza,  
e diz, como a torrente marulhosa ;

suaves apparencias da Incerteza,  
que fingis tanta dura e assim passaes,  
sonhos puros de Gloria, Amor, Belleza,

com as vossas raizes virginaes  
nosso peito mordei, sôfregamente ;  
mergulhae vossas boccas nas caudaes

da breve juventude -- essa corrente  
que, fugindo, nos leva, sem voltar,  
— mas que ha de em vós florir eternamente,

mas que ha de eternamente em vós cantar ! . . .

.....  
.....

1886.

## A vizinha

Se assomava entre os craveiros,  
que o seu peitoril bordavam,  
todos na rua gabavam  
aquelles olhos trigueiros.

Cantava sempre, talvez  
para as magoas espalhar,  
porque assim faz, muita vez,  
quem passa a vida a penar.

E se havia quem dissesse :  
« não leva vida de moura,  
pois canta ao raiar d'aurora,  
e canta até que anoitece »,

quando os seus olhos erguia,  
um momento, da costura,  
a luz que n'elles sorria  
era feita d'amargura.

Um poeta enamorado  
da costureira visinha,  
só para cantal-a tinha  
aulas e livros deixado.

E ouvi mesmo, — a quem não sei —  
que um doutor de theologia,  
e velho doutor da Lei,  
— profundo em quanto sabia —

de tal modo se prendera  
no encanto d'aquelle olhar,  
que, de só n'elle pensar,  
— toda a sciencia perdera.

Por ella — fiôr das trigueiras,  
entre as moças cubiçadas —  
se ouviam noites inteiras  
descantes e guitarradas.

Mas ninguem logrâra ainda  
descobrir a quem amava  
aquella tricana linda  
que á janella costurava.

Ao ver seu airoso porte,  
pensava a gente que tinha  
em frente alguma rainha,  
princeza de nobre côrte ;

que algum principe encantado  
— para em sonhos a tentar —  
viria a fronte pousar  
no seu avental bordado,

e contar-lhe, desnastrando  
sua trança setinosa,  
a eterna historia amorosa  
dos peitos que andam penando.

Nunca ninguem a topára  
nos arraiaes e fogueiras,  
a rir entre companheiras  
n'uma roda, á lua clara.

Mas ninguem lográra ainda  
descobrir a quem amava  
aquella morena linda,  
que á janella costurava.

Constou-me, no entanto, um dia,  
que aquella doce morena  
com seu cantar encobria  
segredo d'intima pena,

historia triste... d'amores,  
que a morte cortára em breve,  
como uma chuva de neve  
crestando um campo de flores...

E ainda havia quem dissesse :  
< não leva vida de moura  
se canta ao raiar d'aurora,  
e canta até que anoitece ! >

— Dá muita sentença louca  
quem dá de tudo a razão,  
pois muita vez canta a bocca  
quando chora o coração.

## Regresso...

Vendo correr-te o pranto  
na hora em que parti,  
— como me amavas tanto —  
ao dar-te o « adeus » sorri....

— Ouvi quando voltei :  
« Já te não ama, não ».  
Era verdade, e então  
— vendo-te rir —.... chorei....

## Serenata

Dorme a cidade agora; a casaria,  
branquejando no outeiro declivoso,  
lembra unido rebanho sequioso  
demandando a torrente doce e fria.

Rumorejam lá fóra os arvoredos  
n'um banho de luar que alaga o espaço  
accendendo no rio brilhos de aço,  
prateando os salgueiros e olivedos.

De subito desperta, cada rua  
vibra agora de trovas e cantigas ;  
— por essas noites brancas d'alva lua,  
acorda o Amor cantando, as raparigas :

Deixae o leito, crianças,  
e vinde á luz do luar  
— desfeitas as longas tranças —  
nossas canções escutar.

Vinde ao dormente fulgor  
da noite calma, radiosa,  
sugar — abelhas do amor —  
nossa bocca sequiosa.

Deixae o leito, pequenas,  
que é doce, em alegre bando,  
ir de mãos dadas cantando  
por estas noites serenas.

Sob o profundo arvoredó  
é doce ter-vos nos braços  
em demorados abraços,  
presas d'amor... e de medo.

Vinde, pois, filhas, — lá fóra,  
pelas aleas perfumadas,  
ninguem de certo ouve agora  
as falas das namoradas.

É hora de andar erguido  
o bando das feiticeiras,  
dançando n'essas clareiras  
pelo valle adormecido ;

— enquanto á luz do luar,  
— chorando compridas mágoas —  
os salgueiros vão roçar  
as verdes tranças nas aguas.

Ail vinde, brancos jasmims,  
esgotar a longos tragos  
um licôr, que o Rei dos Magos  
nos dará nos seus festins,

— uns philtros doces, bebidos  
pela taça mysteriosa  
que formam, n'um beijo unidos,  
frescos labios côr de rosa.

Quando fugir o luar  
em ronda iremos dançando,  
cada um seu par trocando  
para a todas abraçar. . . .

Mas perde-se a guitarra ao largo; anciosa  
vibra nos echos trémulos, distantes. . .  
e mal sôa dos ultimos descantes  
a redondilha ardente e amaviosa.

Dorme de novo tudo; a casaria,  
branquejando no outeiro declivoso,  
lembra unido rebanho sequioso  
demandando a torrente clara e fria.

1887.

## Coração trocado

Em sonhos uma fada  
trocou-me o coração;  
levou-t'ó, ó minha amada,  
e o teu me trouxe, então.

Porque será não sei,  
mas dá-se este contraste:  
tu, nunca mais cantaste,  
eu, nunca mais chorei...

## Em ferias

### I

Quando, aó entrar d'abril, desabrochava  
a flôr dos pecegueiros,  
e o capello da relva se collava  
aos hombros dos outeiros ;

quando, á borda das ingremes ladeiras  
— sob a luz doce e leve —  
parecia que a rama das peçeirias  
se toucava de neve ;

e pela insua larga, humedecida  
da ultima invernada,  
começava a acordar de novo a Vida  
na leira semeada,

e o verde salgueiral, rumorejante,  
as varas mergulhando,  
enrugava a flôr da agua, a cada instante,  
n'um beijo lento e brando,

— eu, fugindo á cidade então, partia,  
— mal as ferias chegavam —  
para uma aldeiasita erma e sombria  
que os pinheiraes cercavam :

— povoado tristonho, pendurado  
sobre estreita ribeira,  
um rebanho lembrando alcandorado  
d'abrupta ribanceira.

Até lá percorriam-se caminhos  
bordados de giestaes,  
entre o vivo trillar d'erguidos ninhos  
e á sombra dos pinhaes, \*

ou dos profundos soitos seculares,  
— na entrada das aldeias —  
onde zumbem, já proximo, as colmeias,  
e rangem os teares.

Nos echos demorados e distantes,  
nas quebradas sonoras,  
espalhavam-se, ás tardes, em descantes  
as vozes das pastoras,

emquanto pelo valle, aberto em fragoas,  
cantavam mós pesadas,  
fazendo espadanar as claras aguas  
no açude represadas.

E foi alli que, em dias que lá vão,  
senti preso d'amor  
bater junto do meu o coração  
da mais agreste fiôr.

Mas ainda hoje recordo essa trigueira  
de selo farto e quente,  
e a noite em que, na vida, a vez primeira  
mordi seu labio ardente!

Ah ! bello tempo era esse, em que eu beijava,  
logo ao vir a manhã,  
sua carnuda bocca, que lembrava  
um môsto de romã,

e em que juntos os dois pelos caminhos  
seguíamos cantando,  
ouvindo ao longe apenas os moinhos  
na levada rodando.

... até que, ao seu olhar amortecido  
de novilha amorosa,  
eu lhe cingia o busto appetecido  
e a cinta donairosa.

Depois vinham preguiças demoradas  
em leitos de caruma,  
enquanto o sol doirava as cumiadas  
de luminosa bruma.

Todo o pinhal bebia, imovelmente,  
a luz do meio dia,  
sob um silencio cálido e dormente,  
onde apenas se ouvia,

a espaços, um ruflar d'azas perdido...  
um insecto zumbindo,  
ou sob o matagal, todo florido,  
algum reptil fugindo...

### III

E todos pela aldeia murmuravam  
d'esses nossos amores,  
quando, ao tombar da noite, se juntavam  
no adro os lavradores.

Ao chegarem, as moças do lugar  
diziam: «da fibeira  
ninguem já no moinho ouve cantar  
a filha da moleira.

É passaro fugido ao ninho; e agora  
d'uma vez o prendeu  
um novo caçador, vindo de fóra,  
que o laço lhe estendeu.

Elle era de suppôr : quem ao luar  
anda tão confiada !  
Para que ia tão tarde, e só, guardar  
o linho na levada ? ! »

Mas de todos sorria essa trigueira  
de seio farto e quente,  
e beijava-me mais que a vez primeira  
aquella bocca ardente.

E em vão o bom do cura lhe dizia :  
« Filha, amor d'estudante  
é coisa que não dura mais que um dia,  
mais do que um só instante ».

Aos sermões do bom velho a rapariga  
esquecer-me jurava;  
mas, — ao fiar á porta a branca estriga —  
se ao longe me avistava,

d'aquelle coração alvoroçado  
voava, n'um momento,  
tudo quanto ella tinha protestado  
em grave juramento.

#### IV

Quando um dia, por fim, lhe fui dizer:  
« vou partir, sem voltar »,  
julguei então alli vê-la morrer,  
tal era o seu chorar.

Por isso foi cruel a minha dôr  
quando no longo « adeus »  
eu a beijei, sentindo-lhe o tremor  
dos seus lábios nos meus.

Por muito tempo as moças do logar  
disseram: « da ribeira  
ninguem já no moínho ouve cantar  
a filha da moleira ».

Até que um dia, enfim ( toda a avaria  
a Igreja remedeia ),  
sempre o santo prior da freguezia  
lhe achou noivo n'aldeia.

No emtanto ainda hoje lembro essa trigueira  
de seio farto e quente,  
e a hora em que, na vida, a vez primeira  
beijei seu labio ardente.

1887.

## Ausencia...

Desde que, por te não vêr,  
vejo em tudo... noite escura,  
resta-me só a ventura  
de duvidar em dizer:

— qual mais custa: se a tristeza  
d'um «adeus» amargurado,  
se a dura e firme certeza  
de estar penando a teu lado.

## A noite de S. João

S. João por ver as moças  
Fez uma ponte de prata ;  
As moças não vão a ella,  
S. João todo se mata.

CANÇÃO POPULAR DE COIMBRA.

### I

E' noite de S. João.  
No ar perfumado e quente  
soluça uma voz ardente  
uma dolente canção.

Passa agora a estudantina,  
e as raparigas em bando  
vão-n'a seguindo e cantando  
á luz da lua divina.

Ao soar das guitarradas,  
pelos bairros e ladeiras,  
as moças alvoroçadas  
fazem roda nas fogueiras.

Os corações acordados  
já saltam dentro do ninho  
dos seios, que o rosmaninho  
traz frescos e perfumados.

— A noite, sorrindo ao mundo,  
desperta vagos desejos,  
aos doces, tremulos beijos  
dos astros, no azul profundo.

E toda a velha cidade  
então vivos descantes  
em que ha historias d'estudantes  
feitas d'amor e saudade ..

A doida guitarra treme,  
mil arabescos bordando  
no fundo moroso e brando  
d'um canto que arrasta e geme...

ESTUDANTE (cantando)

— A minha guitarra agora  
parece uma voz celeste ;  
tem cordas da trança loura,  
que tu ha pouco me deste.

Por isso, apenas a mão  
n'ella toca, eu sinto logo  
como uma rêde de fogo  
prendendo-me o coração».

RAPARIGA (cantando)

— «Um coração d'estudante  
não é peixe de pescar ;  
entra na rêde um instante,  
mas nunca lá quer ficar».

ESTUDANTE

« Dona dos olhos escuros,  
antes tu me désses, louca,  
os beijos que d'essa bocca  
já te cuem de maduros ».

## RAPARIGA

• Nunca a fruta vi colher  
antes de ser semeada :  
nada posso conceder  
sem primeiro ser amada •.

— E a ronda segue e volteia  
à luz da fogueira clara,  
como uma viva cadeia,  
que ora se prende ou separa ;

emquanto a chama crepita,  
e as vozes cantam n'um côro,  
já toda a roda se agita  
ao som das gargantas d'ouro...

Ficam por vezes unidos  
os braços, languidamente,  
enquanto um ólhar ardente  
os olhos tem confundidos ;

com mais ardor e bravura  
lhes palpita o coração,  
debaixo da capa escura  
e sob o fino roupão.

Passa no ar o perfume  
d'um embebedante amor  
que, dos desejos ao lume,  
vem a murchar ainda em flôr,

e que derrama e desprende,  
na morbidez das canções,  
o philtro que em breve rende  
e amollece os corações....

Vae seguindo a estudantina,  
e rindo todas em bando  
vão as tricanas cantando  
à luz da lua divina...

## AS RAPARIGAS

«Em noite de S. João  
diz que anda o Amor à solta,  
quem vae com esse ladrão  
nunca a «mesma» depois volta.

Ninguem dorme quando passa  
o seu amor pela rua;  
tem as palavras mais graça  
ditas ao brilho da lua.

Por isso acordae, pequenas,  
vinde bailar nas fogueiras;  
dançando afastam-se as penas,  
cantar não lembra canceiras».

E tudo segue o descante  
à luz do brando luar,  
vendo-se às vezes, distante...  
fugir na sombra algum par...

Apagaram-se as fogueiras  
e, como em festões quebrados,  
dançam pares separados  
pelas ingremes ladeiras.

E o bando alegre e ruidoso  
vae pelas margens do rio,  
ao branco luar do estio,  
á luz d'um ceu mysterioso.

## RAPAZES (cantando)

« A Fonte do Castanheiro  
tem virtudes milagrosas :  
aos pobres faz ter dinheiro  
às feias torna-as formosas.

Vinde, moças e meninas,  
cantando alegres canções ;  
aquellas aguas divinas  
dão amor aos corações.

#### IV

E' quasi manhã. Agora,  
pelos sombrios caminhos,  
acordam todos os ninhos  
a saudar a luz d'aurora.

Mas ainda pelos vallados,  
ao pé das sebes em flôr,  
ha suspiros abafados  
etanguescidos de amor...

Das balseiras orvalhadas  
saem murmurios de beijos,  
palavras entrecortadas  
no palpitar dos desejos.

E de quando em quando espreita  
um vulto d'entre o arvoredo,  
arfando de gozo e medo,  
compondo a trança desteita...

Paira no ar a embriaguez  
d'uma lascivia profunda,  
que a doce e fresca nudez  
dos seios brancos inunda,

e que ás flores — nas umbrosas  
espessuras — docemente  
abre as folhas setinosas,  
o humido calix fremente...

V

Já é sol fóra.

Ao voltar,  
as moças trazem perdida  
toda a côr, e amortecida  
a luz ardente do olhar.

E dizem as mães, ao ver  
suas faces desbotadas :  
« Foi como nós . . . por beber  
aquellas agnas sagradas ».

1887.

## Recordações

Faz-me a saudade chorar  
aquelle tempo de outr'ora...  
nem já te lembras... se agora  
sempre te vejo a cantar!

Que alegres manhãs aquellas!  
Mal o dia despontava,  
já eu na rua esperava,  
olhando as tuas janellas.

Depois, eu via-te erguer  
a leve cortina, a medo,  
entresorrir-me em segredo...  
até commigo vir ter.

Então, partindo enlevados,  
fugíamos pressurosos  
pelos caminhos umbrosos  
ainda da noite orvalhados.

De braço dado marchando  
entre as sebes verdejantes,  
íamos sempre cantando  
os meus versos em descantes.

Isto era em abril, na volta  
da primavera serena.  
Já nem te lembras, pequena,  
d'essa vida alegre e solta !

Por toda a parte sorria  
a natureza inflorada :  
tornava-se cada estrada  
n'uma alcatifa macia.

A seiva, — na apoiadura —  
os vegetaes inundando,  
vinha dos troncos jorrando  
em borbotões de verdura.

E no dormente socego  
da margem doce e virente  
seguíamos a corrente  
luminosa do Mondego.

As azas fôfas rufando,  
áquelle hora matinal,  
vinham passaros, em bando,  
saudar-nos d'entre o choupa!,

ao ver tão airoso par  
— braço no braço enlaçado —  
seguir alegre, a cantar  
sob o arvoredado cerrado.

Se cada arvore fallasse  
o que de nós não diria !...  
... que o meu labio é que tingia  
de vermelho a tua face ;

que tu, minha doce amante,  
— o seio a arfar em desejos —  
me prendias, palpitante,  
n'uma cadeia de beijos...

Depois, voltando á cidade,  
— após as breves jornadas —  
ficava-nos a saudade  
d'essas caricias passadas,

que, ao vir nascendo outro dia  
luminoso e perfumado,  
o amor, na ausencia ateado,  
ainda mais doces fazia.

Ai l vou na vida chorando  
aquelle tempo de outr'ora,  
que já nem lembrás agora  
pois sempre te oiço cantando.

.....  
.....  
.....  
.....

Mal havia eu de dizer  
que me quizeras deixar ;  
mais fácil me fôra crêr  
que tinha seccado o mar.

— E se tanto me doeu,  
é que já tinha provado  
como é largo e bello o céo  
d'um grande amor partilhado ;

como a vida corre breve  
quando em frementes abraços  
nós estreitamos nos braços  
um corpo branco de neve,

e a nossa bocca se colla  
n'outra bocca fresca e sã,  
que é como viva corolla  
ou como aberta romã !

Ai ! hei de sempre chorar  
aquelle tempo de outr'ora,  
que já nem lembras agora...  
pois sempre te oiço a cantar !

## Em Santa Cruz

Egreja de Santa Cruz  
toda de pedra morena,  
dentro de ti ouvem missa  
dois olhos que me dão pena.

CANÇÃO POPULAR DE COIMBRA.

Não te recordas, Maria,  
d'aquelle primeiro dia  
dos dias do nosso amor?  
Nunca eu vira tanta luz

---

um templo enchendo, criança :  
teus olhos — pharoes d'Esperança —  
inundavam de fulgor  
— a Igreja de Santa Cruz.

Nunca meus labios rezaram  
e como então imploraram  
esse Deus, que a todos cobre.  
Talvez não creias, pequena,  
mas, por mal da minha vida,  
puz-me a sonhar que era erguida  
a ti essa igreja nobre  
— toda de pedra morena.

Na noite do meu destino  
cu víra, templo divino,  
do Santo Sacratio teu  
apagar-se a luz mortiça  
ante esses olhos sem par,  
mas tão humildes no olhar  
que, sendo estrellas do céu,  
— dentro de ti ouvem missa.

E ail que doido pensamento  
sonhar por um só momento  
que as estrellas nos entendem  
lá da vastidão serena.  
Assim tambem, que loucura  
viver só da desventura  
d'este amor, com que me prendem  
— dois olhos que me dão pena!

1886.

## Historia simples

### I

Morava perto do rio...  
a sua casita pobre,  
que o arvoredado sombrio  
ainda hoje protege e cobre,

sorria festivamente  
destacando da verdura,  
espelhada na corrente,  
que em baixo brilha e murmura.

Parece que ainda estou vendo  
aquelle rosto nevado,  
o seu olhar magoado,  
os labios doces tremendo!...

Era em noite de luar,  
abril dormia, sonhando,  
sob os cinzeiros vibrando  
de rouxinoes a cantar.

Perdido no brando enlevo  
de sentil-a junto a mim,  
de olhar o firme relevo  
do seu rosto de marfim,

ao beijar-lhe os beiços finos  
— como o luar lhes batia —  
a minha bocca sorvia  
na sua os raios divinos;

E nunca, na minha vida,  
provei tão doce licôr,  
como a luz de Deus bebida  
por essa taça do amor.

Mas quando a cingia ao peito  
vencida, já minha amante,  
na caricia embebedante  
d'aquelle corpo perfeito,

— ouviu-se uma voz saudosa  
por sobre as aguas cantando,  
entre o chôro agudo e brando  
de guitarrilha amorosa :

• Foram tantos meus suspiros  
ao ver que me las deixar,  
que as mesmas aguas do rio  
ainda vão a suspirar. •

Então, de subito erguendo  
os olhos negros velados,  
fugiu-me doida, tremendo,  
d'entre os braços enlaçados.

Depois, n'um pranto de dôr  
despedaçadoramente  
contou-me a historia pungente  
do seu desditoso amor.

Era em noite como aquella.  
Brilhava doce o luar,  
quando junto da janella  
sentira uma voz cantar:

« Foram tantos meus suspiros  
ao ver que me ias deixar,  
que as mesmas aguas do rio  
ainda vão a suspirar. »

Ai l nunca tivesse ouvido  
o magoado descante,  
que esse bohemio estudante  
lhe cantára distrahido.

Desde então, curvada a fronte  
sob um olhar vencedor,  
viu luminoso o horizonte  
do seu partilhado amor.

Juntos beberam cantando,  
como felizes amantes,  
o nectar macio e brando  
dos gozos estonteantes...

Mas tudo passa.

E n'um dia  
ardente e bello do Estio  
dissera-lhe elle, sombrio:  
«cu vou deixar-te, Maria.

Fica-te a doce lembrança  
do nosso passado amor,  
como uma opulenta herança  
do mais subido valor.

Vae fugida a mocidade  
— a taça em que fervem sonhos  
de perfumada ebriedade,  
como o sabor dos medronhos.

Deixo a rasgada batina  
e a velha capa, que vale  
a riqueza purpurina  
d'um nobre manto real,

pois foi com ella que andei  
de dia e noite cantando  
a juventude, que amei,  
o tempo que vou chorando...

E agora adeus... mais um beijo,  
que seja a ultima flor,  
em que nos brota o desejo  
no tronco d'um velho amor.

.....  
.....  
.....  
.....

E assim partiu. Desde então  
jámais seus olhos lograram  
ver esse, por quem choraram  
o pranto do coração.

Por isso, quando vibrou  
pela noite a voz magoada,  
o seu amor despertou  
como visão evocada,

e de novo lhe surgiam  
aquelles dias d'outr'ora,  
que ainda mais negra faziam  
a sua noite d'agora...

E nunca mais me foi dado  
beber-lhe no labio fino,  
— como licôr perfumado —  
a luz d'um luar divino...

Até que um dia, por fim,  
ouvi dizer que morrera...  
que esse nevado jasmim  
para sempre emmurhecera.

Mas nunca mais me foi dado  
tambem do ouvido expulsar  
aquelle canto magoado,  
que ainda hoje sinto vibrar :

« Foram tantos meus suspiros  
ao ver que me ias deixar,  
que as mesmas aguas do rio  
ainda vão a suspirar ».

1885.

## Vinte annos

### I

Perguntavas-me d'antes: que alegria  
ou intima ventura  
— desde que, ao longe, apenas vinha o dia  
até ser noite escura —

me fazia cantar a toda a hora,  
e me doirava a vida?  
E perguntava-te eu: «ó minha aurora,  
ó rôla estremecida,

o que te faz tambem andar cantando  
e rindo a cada instante,  
como se a Vida fôra um sonho brando,  
d'uma embriaguez constante? »

— Nem eu nem tu sabias responder;  
mas nossos corações  
viviam para, juntos, só bater  
ao rythmo das canções.

No emtanto era bem pobre, ó minha amada,  
o nosso ninho erguido  
n'um quinto andar, soprado da nortada,  
do ardente sol mordido.

Negrejava a batina que vestia  
meu peito juvenil,  
como uma nuvem tragica e sombria  
toldando um céu d'abril.

E o teu vestido pobre até lembrara,  
— cobrindo esse thesouro —  
o folhelho do milho que, na cçara,  
veste as espigas d'ouro.

Mas nenhum de nós dois, então, daria,  
por um throno radiante,  
esse pequeno quarto d'estudante,  
que o nosso amor enchia,

— e a janella por onde o doce alvor  
do dia nos saudava,  
e n'um beijo de luz acariciava  
o teu craveiro em flor.

## II

Mas se a leve canção, que ambos cantámos,  
assim vibrava outr'ora,  
e a pobreza ideal, que atravessámos,  
nos ria como a aurora ;

se, entrando na janella aberta a oriente,  
o brilho do sol nado  
parecia tornar-se mais ardente,  
só por nos ter beijado ;

se — ou fosse manhã clara ou noite escura —  
em via sempre igual,  
doirando-te do rosto a linha pura,  
um raio matinal ;

se eu soltava n'um bando mil chimeras,  
e sonhos de futuro,  
confiado ao mar da Vida, visto que eras  
o meu pharol seguro ;

se os meus labios nos teus — ainda estremeço —  
sorviam longamente  
esses philtros d'amor, que hoje, em vão, peço  
à tua bocca ardente ;

se o teu rosto ainda bello, e o teu olhar,  
que estes meus olhos turva,  
se o teu collo, tão doce de beijar  
na assetinada curva,

— eram para mim tudo, pois que então  
eu resumia o mundo  
no que amava meu nobre coração,  
tão limpido e profundo ;

se tudo : luz do sol, canção fremente,  
sonhos a abrir em flôr,  
eram fios da teia resplendente  
que urdia o nosso amor,

— é que ambos nós então, bem longe ainda  
dos lividos enganos,  
— e vendo ao largo a Vida abrir-se infinda, —  
contavamos vinte annos.

### III

Vinte annos! Sois favo d'oiro  
d'uma doirada colmeia,  
onde zumbe o enxame loiro,  
que a luz de maio incendeia :

môsto das uvas primeiras  
que enchem um farto lagar,  
e fazem rir e dançar  
os moços e vindimeiras :

avelludado rebento  
do tronco abrolhando apenas;  
rufflar macio de pennas,  
quando o dia sobe lento...

canção ligeira cantada  
por boccas de namorados  
sob arvoredos copados,  
n'uma deveza orvalhada :

espuma d'onda, que estoura,  
— sonho alvejante do mar —  
que ao vento vemos dançar  
de leve, na areia loura...

clarão de manhã de maio  
ao apontar branca e vaga,  
mal n'um perdido desmaio  
a estrella d'alva se apaga :

noite meiga de luar,  
que alegre atalhos e estradas  
por onde se ouvem cantar  
os ranchos das desfolhadas...

— Vinte annos! Sois a luz clara,  
o raio fecundo e brando  
que, a terra nua beijando,  
faz loirejar a ceara,

pois é sempre a mocidade  
— na planta ou no coração —  
a seiva, que depois ha de  
abrir em flôr ou canção.

Vinte annos! — Têl-os é crêr  
que a vida é taça encantada  
onde podemos beber,  
— sem nunca a ver esgotada —

aquelle vinho embriagante,  
que é todo... fervente espuma,  
que é sonho... mas nos perfuma  
cada dia e cada instante.

Têl-os é — sôfregamente —  
partilhar a vez primeira  
um beijo d'amor ardente,  
d'amor... que é na vida inteira

o astro que d'alto allumia  
toda a terra e todo o mundo,  
a estrella do Norte e guia  
dos que andam n'um mar profundo !...

IV

Vinte annos tinha aquella estonteante alvura  
do teu erguido peito,  
que nunca leito real jámais viu a esculptura  
de corpo tão perfeito ;

Vinte annos tinha a flôr dos labios, como cravos,  
que, em fremitos de beijos,  
cantavam sobre os meus — da tua bocca escravos —  
a canção dos Desejos.

Vinte annos tinha a voz d'essa garganta pura,  
e essa face córada,  
lembrando o pennujar da fructa mal madura,  
na arvore apanhada.

Vinte annos tinha a luz d'esses teus olhos fundos,  
e vêl-os era ver  
as noites em que, olhando os infinitos mundos,  
appetece morrer!

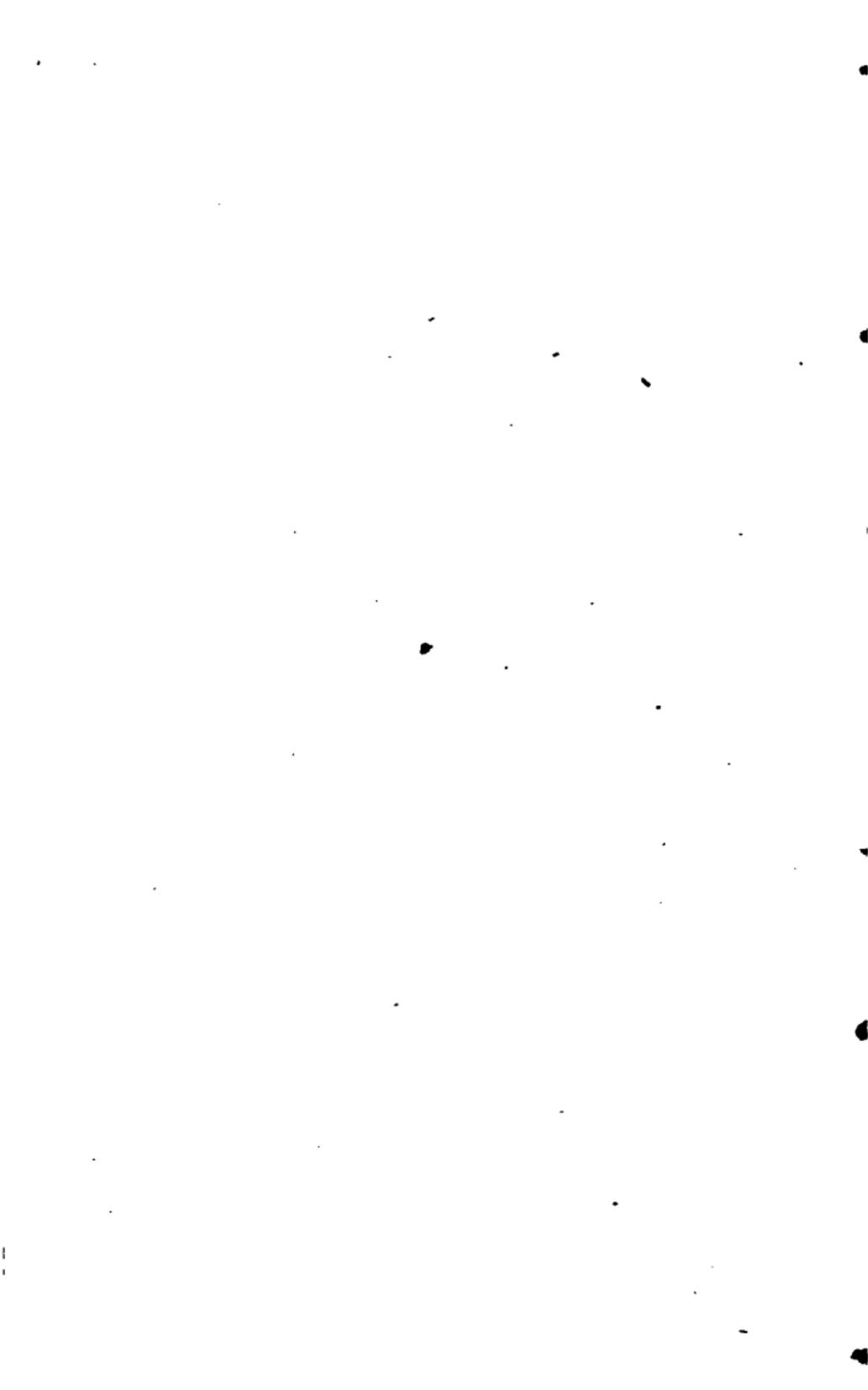
Vinte annos tinha o amor que nos meus olhos vias,  
dos teus tão cubiçosos,  
quando ebria, toda minha, ao peito me cingias  
nos braços carinhosos.

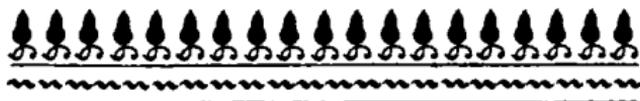
Vinte annos tinha o amor jurado eterno e ardente,  
e a esp'rança em vêr cumprido o firme juramento,  
Vinte annos tinha o sonho... o sonho d'um momento,  
e a illusão de o sonhar na vida... eternamente...

**RIMAS ESCOLHIDAS**



***A MINHA MÃE***





## Napole vedere...

Ver Napoles e morrer!...

Tambem sei quem para ver  
teu reino, ó Musa, trocára  
por um dia a vida inteira,  
e na hora derradeira  
inda teu nome invocára!...

## Quando ella morreu...

A LUIZ DE MAGALHÃES

Fugiste, doce amiga : a tua sombra leve  
já não vem visitar-me em dias de amargura...  
Lirio branco d'amor, ó branca flôr da neve,  
morreram para mim os sonhos de ventura!

Quando, angustiosamente, eu vi passar, n'aquella  
tarde clara de maio, o teu caixão estreito,  
n'essa fronte de santa a corôa singela,  
as transparentes mãos cruzadas sobre o peito,

eu julguei que partia, em funebre cortejo,  
a imagem virginal da minha mocidade,  
e recordei-me então do teu primeiro beijo  
n'essa idade feliz como nenhuma idade.

Era estreito o caixão... levava dentro um mundo  
— meu 'spirito gentil, a minha pobre flôr —  
porque essa que lá dorme um somno tão profundo  
foi tudo para mim — o meu primeiro amor!

Ao ver-te o corpo airoso, em branco amortalhado,  
disse-me o coração: «ahi vae a tua amada ;  
o vestido que cinge o corpo delicado  
da lorangeira exhala a essencia inviolada.

A corôa que cerca a sua fronte nobre  
leva rosas que são do teu amor irmãs :  
são tuas illusões, que em breve a terra cobre ;  
vão deixar para sempre o orvalho das manhãs.

E ao ver-te assim partir, no funebre cortejo,  
eu senti que partia a minha mocidade,  
e recordei-me então do teu primeiro beijo  
n'essa idade feliz, como nenhuma idade ;...

Porque eras sempre tu, ó gêmea da minha alma,  
a inspiração feliz dos meus poemas dispersos ;  
porque era o teu amor, ó musa doce e calma,  
o verdadeiro auctor dos meus primeiros versos !...

Um dia construí, de sonhos luminosos,  
um castello no monte azul da Phantasia.  
D'elle te fiz morada, em tempos venturosos,  
e lá te vi sorrir em cada gelosia.

E agora que é perdido esse castello antigo,  
das ruínas só vivo em meio d'um deserto,  
e como um rei proscripto a minha estrada sigo,  
volvendo para traz o meu olhar incerto.

A hera cobre o muro e a dôr meu coração.  
Virá a primavera ainda encher de flores  
do meu passado alegre o aereo torreão,  
onde eu, proscripto rei, cantei puros amores.

Abril ha de voltar : virão aves em bando  
os ninhos procurar em tardes perfumadas.  
Os rouxinoes da noite hão de acordar, cantando,  
n'esse palacio antigo as Sombras assustadas...

Mas bem longe estará aquella que lamento,  
— companheira fiel da minha mocidade —  
que tive junto a mim apenas um momento,  
— n'essa idade feliz, como nenhuma idade...

1882.

## Abandonada . . .

Lembras-te, amigo,  
da andorinha que alli, no meu telhado,  
o ninho construiu na primavera?  
E d'esse antigo  
amor que, protestado em labio amado,  
meu labio responder amor fizera?  
O inverno é perto . . .  
A andorinha partiu . . . Da região  
do sol ha de voltar ao ninho, um dia . . .

Só eu, deserto  
sei que espera por ti meu coração,  
d'onde ha muito voou toda a alegria !...

1883.

## Paradise lost

Senti viver em mim esse passado amor  
— como o aroma que sáe d'um cofre precioso,  
onde presa expirou alguma doce flôr —  
ao ver o teu jardim sombrio e rumoroso.

Tudo me repetia as expressões d'outr'ora :  
a arvore folhuda em que soluça o vento,  
os rouxinoes da noite e a voz longa e sonora,  
que a solidão soltava assim como um lamento.

no entanto no meu labio um nome voejava  
de leve, como passa a viração macia,  
e então — echo fiel — meu coração vibrava  
dizendo o nome teu, que eu antes lhe dizia...

Tudo me recordava o tempo que lá vae,  
o sonho morto á flôr da nossa juventude :  
e a tudo eu perguntava: é certo que assim mede  
um moço coração que um coração attrahe ?

Toda a noite era um sonho extatico e profundo...  
Dizia a natureza angustias mysteriosas...  
Como é grato sentir chorar comosco o mundo !  
Como eu vos quero agora, ó noites lacrimosas !

Mas quando, ao recordar alli nosso passado,  
me lembrou que hoje em dia, ó branca desdenhosa,  
sorris ao destruir um sonho immaculado,  
como quem desfolhasse as folhas d'uma rosa,

quizera que a minha alma, Ophelia desgrenhada,  
se lançasse n'um mar de eterno esquecimento,  
ou te fugisse ao largo, ao largo arrebatada,  
como véla que vae batida pelo vento....

1883.

## Esquecimento...

Quiz escrever o teu nome  
sobre a areia fugidia :  
o vento passou, levou-me  
as cinco letras — Maria !

Assim meu nome, gravado  
no teu vario pensamento,  
foi para sempre apagado  
pelo frio esquecimento.

## O lenço

A JOÃO DE DEUS

Recordação que um dia me legaste  
na hora da partida,  
o lenço perfumado, em que choraste  
a nossa despedida,

guardo-o junto de mim como um thesouro,  
tenho-lhe tanto amor,  
como esse rei da lenda á taça d'ouro  
d'um antigo lavor !

O aroma subtil que n'elle aspiro,  
— mais fino que o jasmim —  
penso que me segreda n'um suspiro :  
« Recorda-te de mim. »

E minha alma, enganada um só instante,  
voeja sobre o aroma,  
que lembra aquella essencia inebriante  
da tua negra côma,

como uma borboleta que cegasse,  
e então, sem ver a flôr,  
só pelo seu perfume conservasse  
uma illusão d'amor...

1884.

## Maria

Alguem te disse, Maria,  
que eu soffria, e tu quizeste  
no teu sorriso celeste  
dar-me de novo a alegria.

Quasi que bemdigo a dôr  
que me aperta o coração,  
visto que ella inspira, flôr,  
tão doce consolação !

Como a aza leve e franzina  
poisa de manso, poisou  
a tua mão pequenina  
na minha mão, que a apertou.

E então vi surgir o amor  
do fundo dos olhos teus,  
como outr'ora o Pescador  
viu no mar a luz de Deus!

É coisa que faz scismar,  
como a tua mão, creança,  
ainda pode segurar  
minha alma á beira da esp'rança.

Mas o bom Jesus sustem  
— como tu meu coração —  
o mundo inteiro na mão...  
e é creança tambem !

## O teu olhar

Bem hajas, meu doce enlevo!  
À luz d'esse olhar amigo,  
até melhores consigo  
julgar os versos que escrevo;

porque bem vês, branca flôr,  
isto da gente passar  
a vida inteira a rimar,  
sem ter um raio d'amor,

um doce olhar a aquecer  
o gelado coração,  
— é triste desillusão,  
é pena que faz morrer!

Ora quando ha pouco ouviste  
alguns dos meus pobres versos  
— velhos motivos dispersos,  
em que a tristeza persiste —

julguei ver toldar-se a luz  
d'esses teus olhos profundos,  
que é brilho para esses mundos  
e para a minha alma... cruz.

Reflectidos por momentos  
julguei ver n'essa pupilla  
— (espelho d'alma tranquilla)  
— os meus proprios pensamentos —

não é que eu pense, criança,  
que a tua alma luminosa  
venha raiar-me d'esperança  
a minha noite brumosa,

mas pedem meus olhos baços  
luz aos teus, lampada erguida !  
Quem sabe se os nossos passos  
se encontrarão mais na vida.



Se pelas noites caladas  
passa uma estrella cadente,  
outra vae, tremulamente,  
sobre as aguas onduladas...

Imagem da que no ceu  
primeiro brilha — a segunda  
só tem na noite profunda  
a luz que do alto desceu i

E vae tão alta a primeira !  
Os brilhos são semelhantes,  
mas ellas vão tão distantes  
na luminosa carreira !

Quando entre sonhos fluctua  
tua alma — é a estrella dos céus ;  
minha alma a imagem da tua ;  
meus olhos vivem dos teus.

E é como um lago macio  
minha vida... se retrata  
todo esse encanto dolente  
d'um olhar que prende e mata.

Bem vês pois, doce creança,  
que eu não podia abrigar  
nem de leve a doida esperança  
d'esta distancia encurtar.

mas dá-me ainda aos olhos baços  
luz dos teus, lampada erguida l  
embora mais n'esta vida  
não se encontrem nossos passos...

1885.

## Visão mystica

Quando la reina del cielo  
Puso los pies en el suelo  
En esta piedra los puso.

Recomponho, por vezes, longamente  
na minha phantasia  
velhos quadros, que vaso fielmente  
nos moldes da poesia.

E assim eu reconstruo, sobre um vago  
indicio ou fragmento,  
soberbas construcções, onde divago  
á luz do pensamento.

Uma phrase colhida em velha chronica,  
uma rude canção,  
uma téla medieevica, anachronica,  
d'ingenua inspiração ;

a curva graciosa d'uma ogiva,  
um distico lavrado,  
— suscitam-me profunda, forte, viva,  
a impressão do Passádo.

E então, se encontro as linhas immortaes  
d'algun typo saudoso,  
que recorde os perdidos ideaes  
d'um mundo mysterioso,

eu busco debuxal-o em transparente  
e doce illuminura,  
que faça realçar intensamente  
a sua fórmula pura.

Ora quando detive o meu olhar  
no seu corpo franzino,  
e vi seus olhos mysticos brilhar  
com um fulgor divino ;

quando vi suas fórmas afiladas  
d'uma ideal magreza,  
as feições pela crença iluminadas  
— n'um luar de pureza ;

as linhas angulosas, fugidias,  
o doirado cabelo,  
e as mãos brancas, diaphanas, esguias ;  
— n'esse casto modelo

julguei achar d'um sonho espiritual  
a doce encarnação,  
banhando n'um sorriso o fino oval  
de mystica expressão.

E ao vel-a eu me supponho transportado  
a decorridas éras ;  
á Edade-Media, ao gothico passado  
rufiante de chimeras.

Vejo essa rendilhada architectura  
— phantastica legenda,  
na pedra escripta, em forma leve e pura,  
para que ao céo ascenda ;

formando a nave os fustes cannelados,  
e na vidraçaria  
os episodios biblicos pintados,  
coando a luz sombria.

Sonham junto d'altares sumptuosos  
anjos thuriferarios,  
e na sombra, rendados, preciosos,  
scintillam relicarios.

Por toda a igreja um puro symbolismo :  
hieraticas figuras,  
sonhadas creações do mysticismo,  
sorriem nas pinturas.

Destacam sobre telas fulgurantes  
santas em fundos d'oiro ;  
ha capellas profundas, rutilantes,  
como um vago thesoiro.

A rosacea, espalmando as folhas puras  
na gloria triumphal,  
como em longa raiz, por mil nervuras  
se enlaça á cathedral.

Divagando no sonho a que me leva  
a luz do seu olhar  
— visão que me tortura e que me enleva, —  
cu vejo-a n'um altar.

E' ali que a colloca a phantasia,  
em nicho auri-lavrado.  
Beija a luz d'uma lampada sombria  
seu rosto desmaiado.

Ergue as mãos delicadas e franzinas,  
na attitude piedosa  
das serenas imagens byzantinas  
da Virgem lacrimosa,

pois do alvissimo rosto emaciado  
corre-lhe em fio o pranto,  
cahindo sobre as lhamas e o brocado  
do precioso manto...



Ora conta uma lenda religiosa  
que a Virgem, mãe de Deus,  
descera da morada luminosa  
dos infinitos céos,

a visitar um templo consagrado.  
E, ao ver-se ali tão bella,  
de milagre, se diz, haver dotado  
a santa imagem d'ella.

Podesses tu, creança, que invoquei  
na minha phantasia,  
reconhecer a imagem, que adorei  
na cathedral sombria ;

para teu rosto, enfim, me illuminar  
d'amor — que é teu segredo —  
imitando o milagre secular  
da Virgem de Toledo.

# Zeinab

(Impressões d'uma passagem de Gérard de Nerval)

A FIALHO D'ALMEIDA

Via-a um dia passar, em tarde silenciosa,  
a esculptural Zeinab — a escrava bella e ardente,  
emquanto a sua voz, melodica e chorosa,  
cantava uma canção monotona e dolente.

Tinha a fatal belleza, a funebre magia  
das plantas tropicaes em que se aspira a morte ;  
lembrava o seu olhar os climas do meio-dia,  
e a sua estranha côr o loiro ambar do norte.

Seu canto nos levava a rumoras paragens,  
na doce embriaguez dos sonhos passageiros.  
Julgavamos seguir phantasticas viagens,  
e n'um navio ouvir canções de marinheiros.

O typo recordava escravas da Turquia  
— o dormente paiz e os crimes dos desejos,  
a natureza ardente e bella como o dia,  
mas onde dão veneno os langorosos beijos...

Fazia-nos surgir aos olhos deslumbrados  
as cidades do vicio e os vegetaes do Oriente...  
Erguiam-se de leve os tectos rendilhados,  
um branco minarete, e a curva do Crescente...

E ao vel-a eu desejei, n'um extase pagão,  
sorver dos labios seus uma essencia mortal,  
n'essas brandas regiões, ouvindo uma canção  
vinda do largo mar morrer no litoral.

No porto de Stambul, o golfo contemplando  
— esse espelho do ceu profundo, adormecido —  
enquanto o sol, no azul intenso declinando,  
banhase o triste harem n'um raio amortecido.

1884.

## O Mineiro

A. ALFREDO C. DA CUNHA

A's vezes, ao nascer um dia resplendente,  
pela volta do sol, e quando a terra inteira  
pede beijos de luz ao monstro d'oiro ardente,  
que nas aguas espalha a fulva cabelleira ;

quando nas terras lida o aldeão trigueiro,  
e sôam pelo ar cantigas e descantes  
— deixando o sol e a vida, o tragico mineiro  
desce curvadamente ás trevas resumantes !

Ficaram lá por cima as eiras, as canções,  
pinhaes onde a luz morre... aldêas... lavradores...  
e elle... vae percorrer as mudas regiões  
onde a sombra alimenta os pallidos horrores.

Prende na fronte mésta a lugubre lanterna  
— lagrima côr de sangue a deslizar na treva —  
e ao seu vago clarão, na humida cisterna,  
mergulha o luctador que um aureo sonho enleva.

Ambicioso desejo o seu olhar accende:  
vae conquistar no abysmo o occulto filão d'oiro,  
n'um destino cruel, que o tenta, e o mata e prende  
quando sonha encontrar o colossal thesoiro !

Poeta, és como o heroe das fundas galerias,  
que se enterra ainda em vida, e na agonia escura  
recorda a terra e o sol... cearas... romarias,  
por serenas manhãs de luz doirada e pura...

ao sinistro fulgor da Idêa ambiciosa,  
sonhas ir encontrar tambem aureo filão :  
e tu és, Pensamento, a mina mysteriosa  
onde dorme o thesouro eterno da Illusão.

1884.

# Dança macabra

(Ballada de outomno)

A PEDRO GAIVÃO

Erguendo, á beira da estrada,  
os troncos pardos, despídos,  
dizem na estranha ballada  
os álamos : « são perdidos

nossos bons dias d'outr'ora,  
aquella doce alegria  
d'um sol que nos envolvia  
em beijos de manhã loura ;

E' perdido o canto alado  
das avesitas ; o frio  
trouxe ao campo amarellado  
este silencio sombrio.

Já não se ouve pelo ar  
o canto da cotovia,  
dando signal para entrar  
no grande coral do dia.

E quando o sol já não arde  
pela terra desbotada,  
o vento esquivo da tarde  
vem, n'uma doida nortada,

trazendo na aza fina,  
aguda como um cutélo,  
a cada vida franzina  
um cruel sôpro de gelo.

E se tudo adormeceu  
transido, n'um morto somno,  
é que esse vampiro — o outomno —  
a nossa seiva bebeu.»

E os troncos alevantavam,  
como carcassas despidas,  
que ainda, n'um côro, choravam  
pelas folhitas perdidas.

N'isto o vento impetuoso  
tiron, a largas arcadas,  
das arvores desfolhadas  
um canto vertiginoso,

brusco, sinistro, fatal,  
como se n'um esqueleto  
passasse o arco irrequieto  
d'um rabequista infernal.

---

E então as folhas caídas,  
ouvindo a estranha ballada,  
ergueram-se pela estrada,  
mirradas, descoloridas,

e começaram dançando  
loucas, estranhas, sem norte,  
n'esse delírio lembrando  
a ronda febril da morte.

Chocando os corpos sem vida  
contra os álamos batendo,  
redemoinhavam correndo  
pela estrada adormecida,

como se o choro do vento,  
em macabra evocação,  
galvanisasse um momento  
essa espectral multidão.

A noite cãe lentamente,  
e a lua, á beira do céu,  
surge embuçada n'um véo  
de neblina transparente.

E enquanto espalha do azul  
o brilho coado e frio,  
o vento rijo do sul  
— violinista sombrio —

continua, impetuoso,  
tirando a vivas arcadas  
das arvores desfolhadas  
um canto vertiginoso...

1885.

# O Navio

A M. GOMES PALMA

O mar é calmo ; a brisa afaga docemente  
a véla grande. Ao longe a costa alcantilada  
já se perde na bruma. E' fresca a madrugada,  
e a marinhagem vae cantando alegremente.

Bate o remo ligeiro e as enfunadas vélas  
arfam. No azul perpassa um bando de gaivotas,  
e a nau, como ellas, busca as solidões remotas  
abrindo o pavilhão todo bordado a estrellas.

A quilha fina corta a onda sussurrante ;  
baloíça nobremente a prôa aurilavrada,  
d'onde se eleva ao ar uma figura alada  
— chimera a desprender o vôo triumphante.

Attento, olhando o ceu dulcissimo e sereno,  
destro, o piloto marca o rumo junto ao leme ;  
e lembra na belleza um marinheiro helleno  
cortando o mar Egeu na sua nau trireme.

A' pôpa sônya um par feliz e venturoso.  
Embala-lhes o amor a voz dos remadores,  
e esse canto suave, estranho e mysterioso,  
diz-lhes, na embriaguez dos sonhos tentadores :

« Demandamos ao largo ignota região,  
uma ilha virginal, onde incessantemente  
nas encostas floresce o myrto viridente,  
e nas selvas segrêda a fresca viração ;

---

onde as aves a par cantam no vasto ceu,  
onde o sol, despenhando uma cascata d'oiro,  
accende em cada rocha o brilho d'um thesoiro ;  
onde o mar é um canto e a terra um hymeneu.

E' lá que a alma embalada ao rythmo das canções  
vive o Presente, em manso e desprendido idyllio,  
sem soffrer da Saudade o amargurado exilio,  
e sem ter do Porvir as vagas tentações,

Lá nos corre a existencia em deslizar suave :  
— é uma idade d'oiro á luz d'eterna aurora —  
e no banho lustral d'essa manhã sonora  
é puro o nosso amor como um trinado d'ave.

E' lá que o lotus abre a flôr mysteriosa  
e a palmeira balança a folha verdejante,  
é lá que, ouvindo um canto estranho, o navegante  
esquece o remo á flôr da onda rumorosa.

E' lá que existe, olhando a vasta região,  
o palacio do Sonho, onde a Chimera habita.  
Sopra ligeiro, ó vento, e a nossa véla agita ;  
leva-n'os a viver n'essa ideal Ceylão !...

E vão. Bate ligeiro o remo, e a véla, arfando  
como o peito d'um cyane alvissimo e fremente,  
agita-se, palpita e vae anciosamente  
correndo sobre o mar profundo, immenso e brando.

A visão d'essa ilha, ha tanto presentida,  
enche-lhes de fervor a mente aventureira ;  
mas a doirada nau, na celere carreira,  
não avista ainda ao longe a terra promettida.

Ha muito que deixou a praia, e no Oceano  
dias de largo sol e noites constelladas  
têm vindo illuminar as vélas, enfunadas  
na conquista fallaz d'esse distante arcano.

---

Até que enfim, sem ver o termo da viagem,  
volta desmantellada a nau audaciosa  
ao porto, d'onde ha muito a lucida miragem  
a fizera partir em fuga aventurosa.

O piloto alquebrado, envelhecido, enxuga  
a face requeimada. E' branco o seu cabelo.  
Ninguem recorda já esse perfil tão bello,  
que ensombra duramente uma profunda ruga.

Já não vibram canções na fresca viração ;  
vêm os remos pendendo, e vê-se baloiçar,  
como uma ave ferida e quasi a agonisar,  
rôto, no mastro grande, o nobre pavilhão.

Tristes, olhando a terra outr'ora limitada  
para contel-os, vêm os pallidos amantes,  
chorando o morto amor, sombrios, soluçantes,  
gasta de esteril febre a face desbotada.

E todos vêm dizendo em câro, entre gemidos :

« Desfez-se pelo ar a nuvem que seguimos,  
e voltamos por fim, nostálgicos vencidos,  
saúdosos d'um bem que nunca possuímos... »

Mas em breve essa nau ha de partir ainda,  
porque de novo irão febris navegadores  
a percorrer do mar a vastidão infinda,  
com um novo piloto e novos remadores.

E os que ficam na terra embalde lhes dirão :

« Nós fomos como vós, n'essa longa viagem,  
a demandar ao largo a incognita paragem  
que os vossos olhos nunca ao longe avistarão ! »

\*

\* \*

---

E' nossa alma esta nau que, sobre o mar da Vida,  
uma manhã deixou o berço, a curva praia,  
para singrar, singrar, na rapida investida,  
emquanto a rosea aurora -- a adolescencia -- raia.

Sobre o mar da Existencia ella navega, ousada.  
Piloto juvenil — dirige o leme o Amor;  
e somos nós tambem (visão immaculada!)  
que formamos á pôpa o grupo seductor...

Cantando ao largo um canto estranho e mysterioso,  
Os Sonhos vão movendo essa galera nobre;  
o mar é calmo, e o ceu profundo que nos cobre  
annuncia no azul um tempo bonançoso.

Mas ha muito que a nau vae pelo mar, errante.  
E um dia emfim, sem ver o termo da viagem,  
voltamos, pois que a doce e lucida miragem  
cada vez nos sorri mais vaga e mais distante.

E depois da chegada ao porto, hemos de ver  
nossos filhos tambem partir na nau doirada,  
e tambem nós então haremos de dizer  
na descrença cruel da alma angustiada :

« Nós fomos como vós n'essa longa viagem  
— cheio de ardente fé o ousado coração —  
a demandar ao largo a incognita paragem,  
que os vossos olhos nunca, ai ! nunca avistarão ! »

Mas hão de enfim partir; e ao declinar da vida  
hemos de verter saudoso pranto amargo  
e curvar tristemente a fronte envelhecida,  
ao vermos com inveja a nau sumir-se ao largo...

1885.

FIM

## INDICE

### CANÇÕES DO MONDEGO

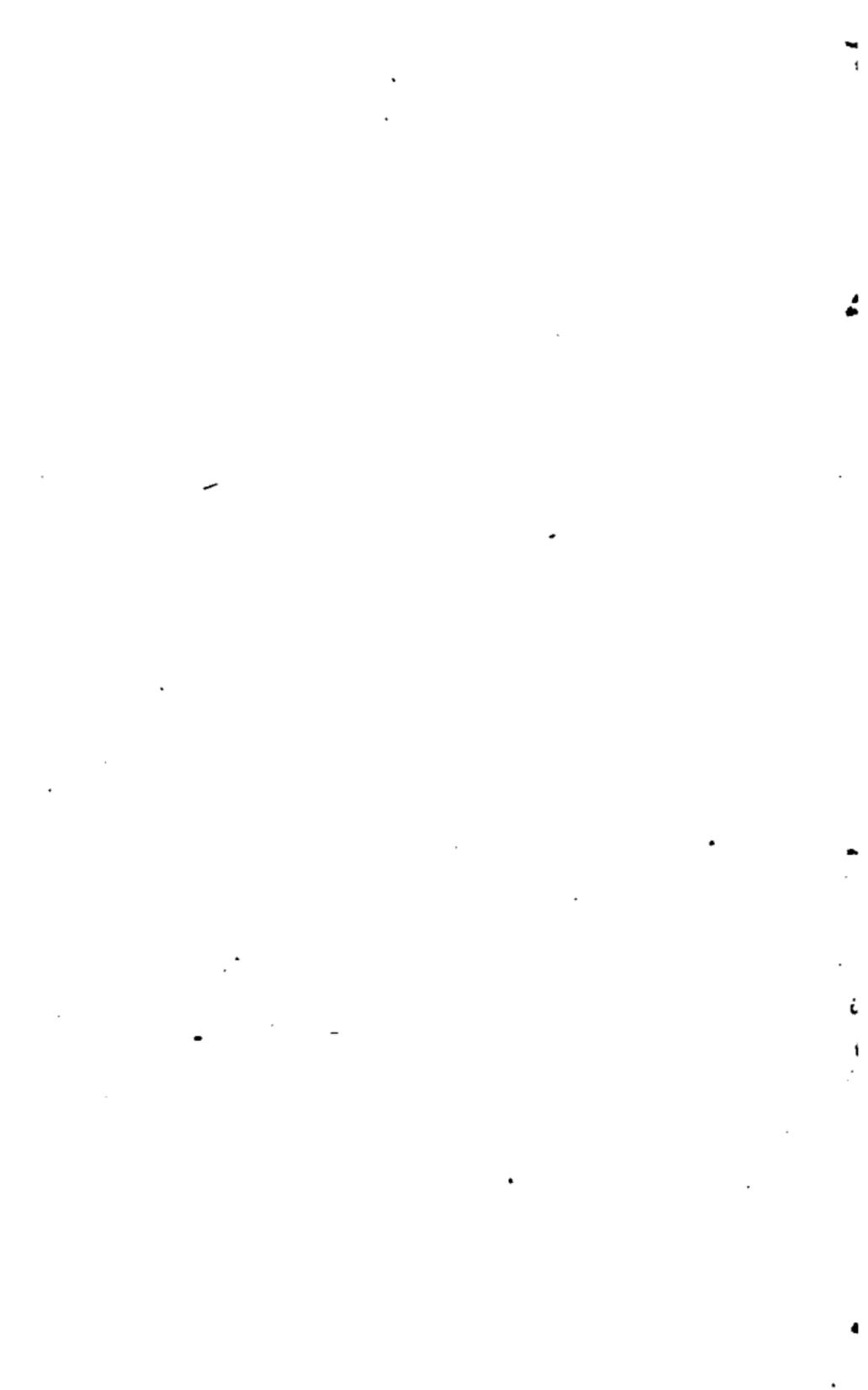
Prefacio . . . . .	Pag.	7
As minhas canções . . . . .	»	13
Coimbra . . . . .	»	18
No rio . . . . .	»	25
A vizinha . . . . .	»	30
Regresso . . . . .	»	35
Serenata . . . . .	»	36
Coração trocado. . . . .	»	41
Em ferias . . . . .	»	42
Ausencia . . . . .	»	53
A noite de S. João . . . . .	»	54
Recordações . . . . .	»	68
Em Santa Cruz . . . . .	»	74
Historia simples : . . . . .	»	77
Vinte annos . . . . .	»	87

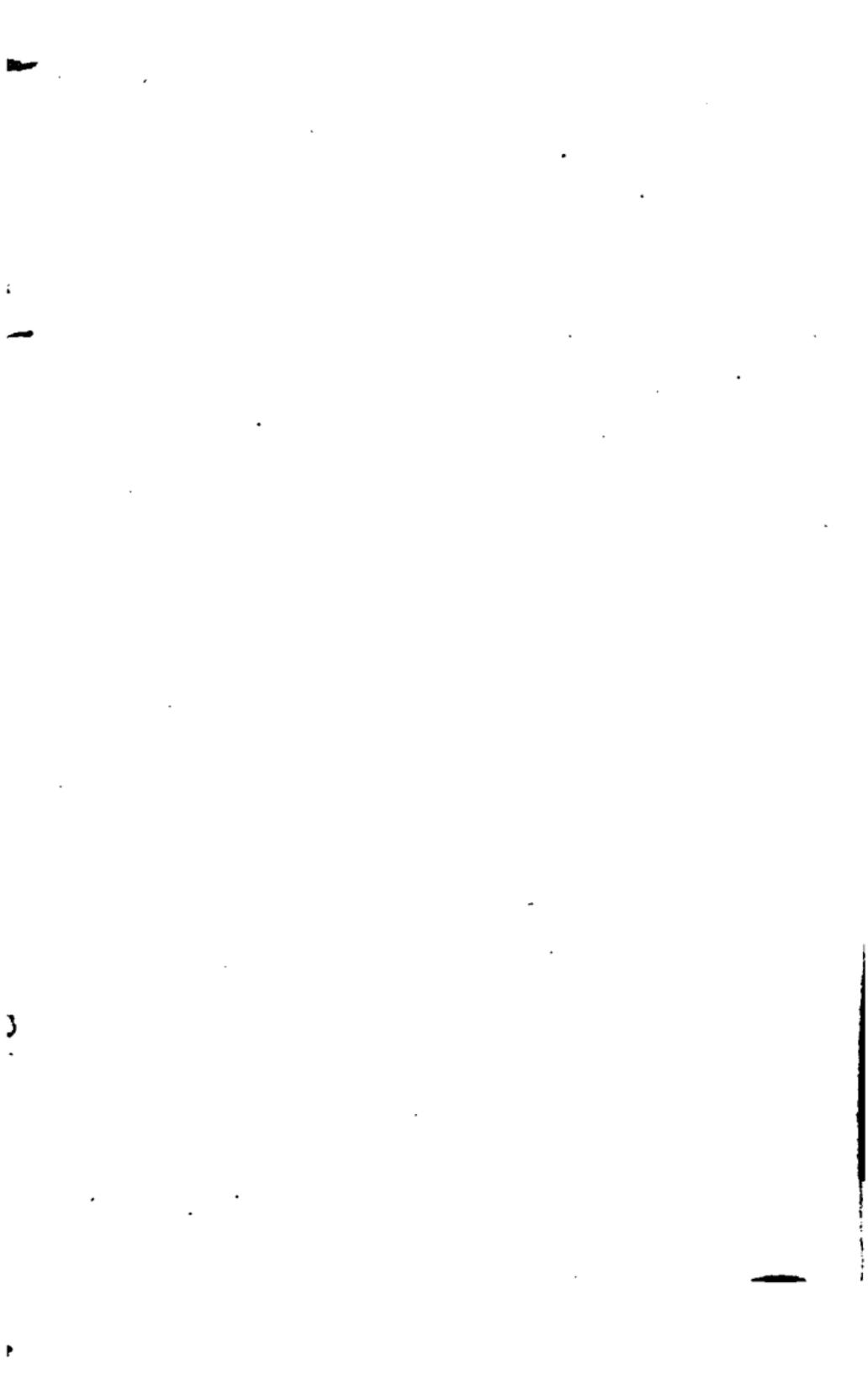
### RIMAS ESCOLHIDAS

Napole vedere . . . . .	Pag.	103
Quando ella morreu . . . . .	»	104
Abandonada . . . . .	»	108
Paradise lost . . . . .	»	110
Esquecimento . . . . .	»	113
O lenço . . . . .	»	114
Maria . . . . .	»	116
O teu olhar . . . . .	»	118
Visão mystica . . . . .	»	123
Zeinab . . . . .	»	130
O Mineiro. . . . .	»	133
Dança macabra . . . . .	»	136
O Navio . . . . .	»	141



**Acabou  
de imprimir-se este volume  
aos 9 de julho de mil oitocentos e noventa e dois,  
na typographia  
de  
Manuel Caetano da Silva, successores,  
em  
Coimbra.**





312



**OBRAS DE MANOEL DA SILVA GAYO**



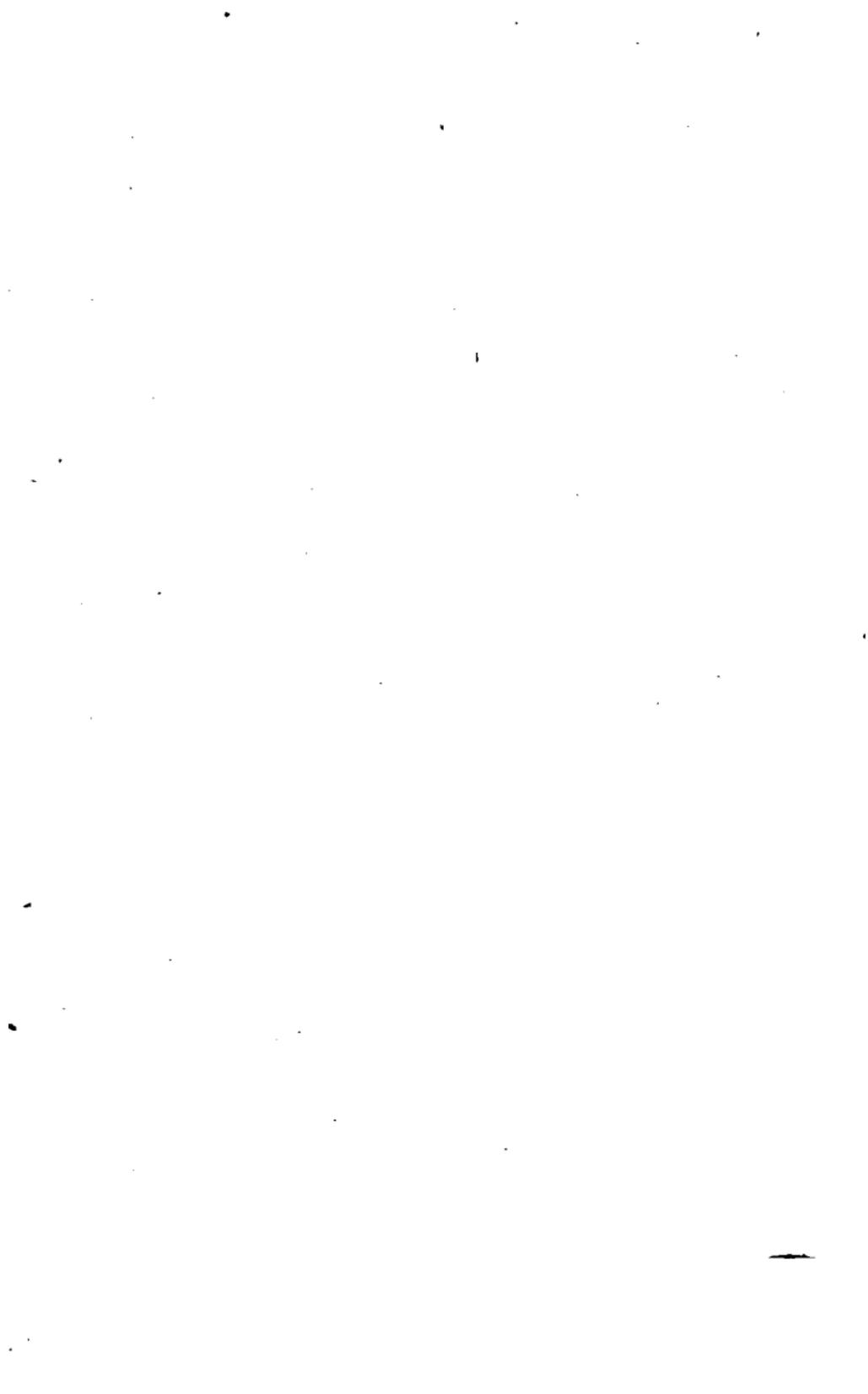
UM ANNO DE CHRONICA — I vol. . . . .	600
POESIAS — I vol. . . . .	600

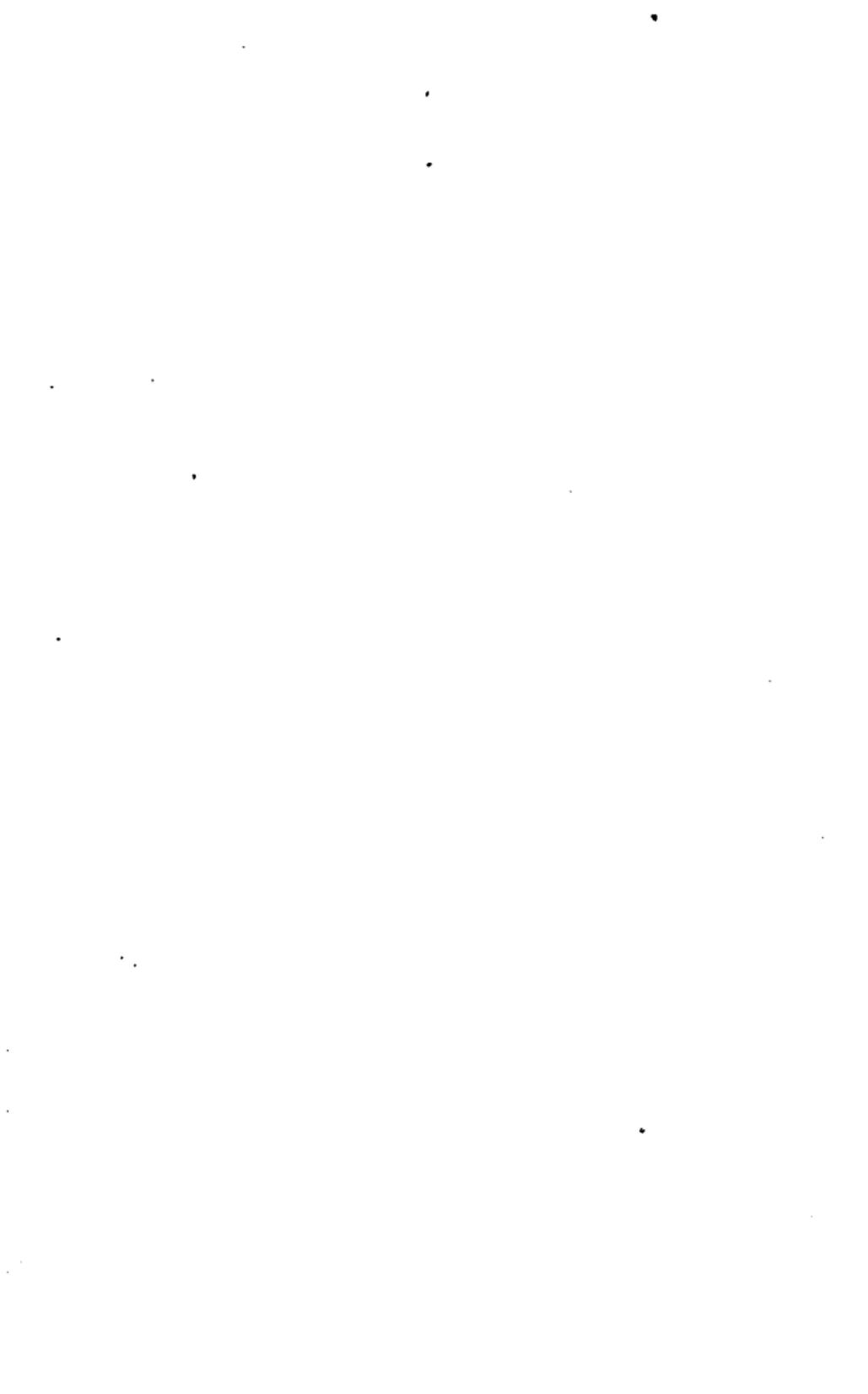
**A SEGUIR**

- PECCADO ANTIGO (novella) — I vol.
- CONTOS — I vol.
- OS NOVOS (critica) — I vol.

**Monographias:**

- GARRETT
- DOMINGOS SEQUEIRA
- ANTONIO JOSÉ
- DUQUE DE LAFÓES





This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

BOOK DUE WID

0247028

FEB 5 1979

CANCELLED

NOV - 7 1978